

Veritas Basis Fidei Est

Considerações acerca da Declaração Oficial prestada pelo Coordenador Geral do Instituto Bíblico Betel Brasileiro no Estado do Rio de Janeiro, Dr. Marcos Munis, sobre o discurso paraninfal realizado pelo professor Paulo César Campos Lopes do Valle, em 25 de Setembro de 2010, no Campus em Volta Redonda, RJ.

Ilmo. Sr.

Dr. Marcos Munis

Coordenador Geral do Instituto Bíblico Betel Brasileiro, RJ

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2.15).

Inicialmente, desejo externar minha admiração, ao longo dos anos ampliada, pelo seu trabalho na coordenação geral do Instituto Bíblico Betel Brasileiro no Estado do Rio de Janeiro, bem como pelo árduo trabalho de seus pares, dentre os quais destaco o da irmã Késia Adriany do Nascimento Feitosa, diretora do campus em Volta Redonda.

Durante os dez anos em que estive ligado ao Betel Brasileiro em Volta Redonda, vi o Bom Deus agir em favor dessa obra, testemunhando suas intervenções sobre o corpo administrativo, docente e discente. Sou grato pelas vidas que foram influenciadas por todos nós e que passaram a amar ainda mais a Deus, sua igreja e sua Palavra. Esta influência, como é sabido, é de inestimável valor, uma vez que diz respeito à coisas eternas, do alto.

As sãs palavras do apóstolo Paulo ao seu filho na fé, também pastor, Timóteo, citadas acima, demonstram que aqueles que se ocupam com o ministério cristão devem exercê-lo com seriedade e dignidade, como convém à obra de Deus. De fato, não há como realizá-la a contento se a boa mão do Senhor não estiver em nosso favor. A igreja de Cristo tem testemunhado o trabalho de tantos servos dedicados ao longo dos seus dois mil anos de história, sob as mãos do Senhor.

Nas palavras do apóstolo Paulo, o obreiro deve *manejar bem a Palavra da verdade*. Deve ser capaz de compreendê-la adequadamente, respeitando-se cada um dos elementos que compõe a metodologia para aquisição do conhecimento da verdade, sob o governo do Espírito. O Evangelho de Lucas, em seus primeiros quatro versículos, permite-me dizer que não há incompatibilidade entre a obra do Espírito de conduzir-nos à verdade e o exame acurado, por parte de seus filhos, da verdade revelada. A Escritura deve ser examinada. Esta é uma tarefa sublime, entregue a homens comuns, para que a glória seja de Deus (2 Coríntios 4.7). Contudo, é necessário lembrar que o obreiro precisa ser *aprovado* por Deus e *não deve envergonhar* a Deus. Tanto o conceito “aprovado” quanto “desavergonhado” foram empregados sob a ótica divina, não se tratando de ser bem quisto por homens ou instituições, mas por Deus, ainda que muitos homens nos quererão bem por nos preservarmos fiéis a Deus e sua Palavra. Mas, nem sempre.

A opção pelas palavras do apóstolo acima deveu-se ao fato de que, insistente e legitimamente, o Betel Brasileiro as utiliza como moto encorajador àqueles que se envolvem com a instituição. A instituição Betel Brasileiro valoriza o preparo de pessoas que *manejam bem a palavra da verdade*.

Pelos dez anos ali passados, tenho a permissão de afirmar que o Betel Brasileiro objetiva formar indivíduos capazes de edificar o rebanho de Cristo por meio de sua Palavra. Nunca é demais recordarmos que:

“um homem pode ter uma personalidade carismática, pode ser um administrador excelente e um orador habilidoso; pode ter um programa impressionante; pode até possuir os talentos de um político e a capacidade de ouvir de um conselheiro, mas ele matará de fome as ovelhas, se não as alimentar com a Palavra de Deus”^[1].

Confesso, entretanto, que no instante em que recebi sua correspondência e li seu conteúdo, fiquei um tanto boquiaberto por entender que o assunto já havia sido encerrado, já que, dias antes, tive a oportunidade de conversar com os irmãos Rui e Késia na secretaria do Betel em Volta Redonda e, aparentemente, as coisas estavam estabelecidas. Assim, comecei a pensar sobre qual deveria ser a minha posição, afinal eu estava diante de um posicionamento formal da instituição Betel Brasileiro no Estado do Rio de Janeiro, na pessoa de seu coordenador geral. Após algumas considerações pessoais e um tempo de silêncio, tive a oportunidade de compartilhar o assunto com irmãos preciosos, buscando uma decisão cujos frutos enaltecem a verdade e a fé evangélica. Eis porque, apenas agora, envio-lhe esta resposta.

Em 25 de setembro do corrente ano, no templo da Igreja Presbiteriana Central em Volta Redonda, na qualidade de paraninfo da turma de formandos da instituição Betel Brasileiro em Volta Redonda, expus o assunto intitulado *Ministério Pastoral Feminino: Uma Perspectiva Reformada* (anexo I), buscando, como requeria um momento como aquele, oferecer à igreja evangélica do sul fluminense uma oportunidade para a reflexão, demonstrando ser esta a preocupação do Betel Brasileiro: precisão bíblico-teológica. Sabe-se que em tantas outras ocasiões em que assumi o mesmo púlpito para um discurso paraninfal (seis ou sete vezes nos últimos dez anos), optei por falas um pouco mais pastorais através de exposições de um ou dois parágrafos das Santas Escrituras. Ainda que não haja demérito nisso, pelo contrário, optei, naquelas ocasiões, por considerações que mais encorajavam do que provocavam reflexões. Contudo, não foi assim dessa vez, por opção pessoal.

Ao considerar e definir o *corpus* da abordagem para exposição, priorizou-se uma análise que prezasse alguns pontos importantes em um discurso paraninfal. Primeiramente, *deveria ser acadêmico*. Sabemos que um discurso paraninfal é um discurso feito por um professor escolhido, cujo tema é também de seu desejo, por considerá-lo relevante sob uma determinada ótica – no caso, verificar a biblicidade de uma determinada prática evangélica. Cabe dizer, que o discurso é de inteira responsabilidade daquele que o faz (como foi dito nas palavras iniciais naquela ocasião). Isto significa dizer que nem a instituição, nem os alunos devem determinar o tema a ser abordado. Requer-se, apenas, que seja acadêmico e relevante.

Sabe-se, também, que a análise e a exposição de um determinado fenômeno sob pressupostos acadêmicos, respeitando-se as diversas posições representadas pelo auditório e, no caso em questão, o parâmetro da verdade escriturística, é ato louvável, não devendo ser cerceado o direito de livre pensar e opinar. Guardadas as devidas proporções, uma exposição acadêmica é semelhante a uma partida de frescobol, onde os jogadores trabalham como parceiros, dando e recebendo, e não a uma partida de tênis, onde os jogadores são adversários. E tudo o que desejam é que o outro erre para poder ganhar.

Consequentemente, em segundo lugar, *deveria ser bíblico-teológico*. Isto implica dizer que o

processo de elaboração exigiu meses de reflexão. Não foi algo impensado. Se alguém condenou minhas ênfases, eu mesmo não os condenarei. Contudo, não podem acusar-me de não ter dado um tratamento bíblico, portanto teológico, ao assunto. Ao assumir aquele púlpito, o fiz com temor, tremor e disposto a arcar com todas as suas consequências. Não houve de minha parte qualquer desrespeito ao ambiente em que estávamos, e nem mesmo aos que ali estavam. Lembre-se: tratava-se de um ambiente acadêmico. Acresce-se a isso, por tratar-se de uma instituição teológica, até onde pude perceber, conservadora, que o discurso deveria preservar a integridade das Sagradas Escrituras.

Como o fiz na ocasião do discurso, e também agora, submeto-me ao seu escrutínio e o de tantos irmãos e pastores presentes na ocasião. Como o senhor testemunhou, a abordagem foi pautada na análise histórico-exegética, respeitando-se os padrões conservadores históricos e exegéticos da fé cristã. Ou não?

No segundo parágrafo de sua correspondência, o senhor disse:

“O Betel Brasileiro, como o irmão sabe, é uma instituição interdenominacional firmada na Palavra de Deus, mas respeitando os diversos pontos de vista dos evangélicos tradicionais, pentecostais e com certas ressalvas, neopentecostais”.

Irmão, sou mais jovem e menos experiente que o senhor, mas não consegui entender como uma instituição, estando firmada na Palavra de Deus, poderia emitir uma posição de “desagrado” a um discurso pautado nas Escrituras, a não ser que também haja um posicionamento formal desta instituição quanto à interpretação dos textos bíblicos. Assim, irmão, não se trata de respeitar ou não “os diversos pontos de vista”, mas se eles são bíblicos e, portanto, legitimados pelo Deus Santo.

Em terceiro lugar, *deveria ser respeitosa*. Não se falava às paredes, mas a gente capaz de refletir. Fui honesto para com aqueles que me convidaram, desejando um discurso capaz de promover alguma reflexão em tempos quando, nos arraiais evangélicos, as pessoas não são dadas à reflexão, encontrando-se nisso tantos desmandos entre cristãos.

Como o senhor sabe, sou um pastor, e como pastor, tenho deveres diante daquele que me convocou. Minha luta por todos estes quase 19 anos de ministério pastoral tem sido conhecer as Escrituras para pregá-las ao povo. Minha súplica tem sido que Deus me dê sua Palavra, para dá-la aos outros, até porque é impossível alguém dar algo que não tem.

O senhor disse:

“... foi, a nosso ver, de grande infelicidade e constrangedor, principalmente para nossa Diretora Késia Adriany Feitosa, as palavras trazidas pelo irmão naquele momento”.

Lendo e relendo isso, fiquei pensando se um pastor deve ou não pregar contra o divórcio diante de um público em que há divorciados; se deve ou não pregar contra a mentira diante de um público em que há mentirosos. O que o senhor acha? Deveríamos “tapar o sol com a peneira” ou, antes, prevenir tantos de um erro? Opto por prevenir. Irmão, sou daqueles que pregam contra qualquer coisa, mesmo tendo no auditório quem pratique tais coisas. Devo ser condenado por isso? Em momento algum, fui constrangido a não expor aquele assunto por haver pastoras entre os ouvintes. Eu, o senhor e o Betel Brasileiro estamos muito aquém da verdade do Deus eterno. Ele, ao revelar-

nos sua Palavra, demonstrou-se mais inteligente e esperto que todos nós juntos. Como intitulei este documento, *veritas basis fidei est* (a verdade é o fundamento da fé).

Entretanto, algo me causou grande estranheza naquela ocasião do discurso. Acredito que o senhor se recorda das palavras finais da irmã Késia, após minha fala. De posse de um manual do Betel Brasileiro, lendo o excelente currículo de uma nobre irmã, a qual todos respeitamos (cujo teor do discurso não se aplicava a ela, uma vez que ela não era pastora), afirmou que ela “preferia o que Espírito havia reservado para ela”.

Ora, diante da minha fala, que segundo a minha consciência no evangelho era totalmente amparada pelas Escrituras (e ninguém, nem mesmo o senhor demonstrou o contrário), estaria o Betel apoiando-se no princípio de que o Espírito age a revelia da Palavra? Coisas como “novas revelações? Não teria sido melhor, então, calar-se? E o que dizer dos efeitos? Por causa da minha fala, eu poderia, como fui, condenado por apresentar “um discurso fora de hora”, mas que não comprometia o teor bíblico. Ou comprometia? Mas podemos dizer o mesmo da fala final da diretora?

Dr. Marcos, saiba que Deus trouxe grande paz ao meu coração quando estive com o casal Rui e Késia na secretaria do Betel em 30 de setembro. Naquela ocasião ouvi coisas que jamais imaginaria ouvir, por conhecê-los. Contudo, duas coisas ficaram evidentes para mim:

1. A instituição Betel Brasileiro em Volta Redonda tem dado um tratamento comercial ao ensino teológico. Tanto o senhor quanto eu sabemos no que isso pode dar. Todas as vezes em que o povo de Deus optou pelo caminho “das moedas”, sacrificou-se coisas bem importantes. Sou de um tempo onde a fé mantinha (e mantém) a obra do Senhor. Ele não deixa faltar.

2. Em um comércio, as Escrituras não têm valor, pois o que vale é a clientela, e o que ela deseja.

Escrevo isso com lágrimas e profunda tristeza. Por isso, afirmo acima *que Deus trouxe grande paz ao meu coração quando estive com o casal Rui e Késia na secretaria do Betel em 30 de setembro*. Naquele momento, pelas convicções que carrego, Deus pôs fim à minha caminhada com o Betel. De fato, não havia como continuar ali por estarmos sob pressupostos diversos.

Por aqueles dias, algo bastante consolador me ocorreu. Recebi o email de um pastor que, tocado pelo discurso paraninfal, disse:

Prezado Pastor Paulo,

A Paz,

Tive o prazer de ouvi-lo na formatura do seminário Betel, suas palavras foram abençoadoras, pude ter a oportunidade de analisar muitas em minha vida e em meu ministério após ouvir suas palavras, cheguei a conclusão de que somos cegos e não sabemos sequer interpretar as escrituras, mas Deus é rico em misericórdia e nos dá grandes oportunidades para reflexão, louvo a ELE por ter me dado essa oportunidade de ouvi-lo, entender e interpretar as escrituras, tive a liberdade de pedir seu e-mail para o seminário Betel, pois queria contatos com o prezado irmão tomei liberdade também de enviar um e-mail para o seminário, parabenizando a equipe que esta instituição tem em especial o amado irmão que não se intimidou ao pregar expositivamente, precisamos de pastores com esse porte, que pregue verdadeiramente as verdades bíblicas, pois infelizmente estamos perdendo a visão bíblica na igreja de Cristo, minha oração é que o amado continue ensinando desta forma as escrituras.

Abraços

Pastor (nome)

PS: Depois peça o e-mail que enviei a Senhora Kézia

Imediatamente, respondi-lhe:

Caro irmão e pastor (nome),

O irmão não imagina a alegria com que recebi seu email. Foi uma surpresa bastante agradável. Naquele momento, louvei a Deus por ser tão gracioso em servir-se daquelas palavras para edificar sua vida e ministério. Como me alegro em saber que foi edificante para a sua vida!

Sua sinceridade me sensibilizou, ao afirmar que *"somos cegos e não sabemos sequer interpretar as escrituras"*. Isto é verdade, e não há quem possa contrariá-la. Se Deus não estiver conosco, fracassaremos. Mas Ele é fiel e bondoso para levar adiante a sua obra, através de vasos tão insignificantes, mas de honra (conforme Paulo ensinou aos Romanos), como nós. Mas as coisas não se seguiram como gostaria.

Fui convidado a comparecer na última sexta-feira ao Seminário, à convite da missionária Késia, para uma conversa. Em suas primeiras palavras, disse-me que estava sofrendo muitas pressões por causa do conteúdo daquela exposição, não tendo alternativa, senão convidar-me a deixar aquela Instituição. Fiquei surpreso, e muito. Trabalhei no Betel desde 2000, sendo o mais antigo professor daquela casa. Para a glória de Deus, nas últimas seis formaturas, fui paraninfo em cinco, recebendo o prestígio de alunos tão importantes em minha vida. Entretanto, nem mesmo esse prestígio ou quaisquer outras coisas que Deus serviu-se para a sua glória foram suficientes para manter-me no cargo. Tenho recebido algumas correspondências de alunos e ex-alunos. Até o momento, palavras de completo encorajamento.

Quero, contudo, que o irmão saiba que estou em plena paz. Deus, através da igreja onde tenho exercido o ministério, tem trazido consolo e alegria ao meu coração. Confesso que fiquei bastante desapontado com o ocorrido, descobrindo coisas que não gostaria.

Siga orando, querido irmão, por mim, por minha família e pelo ministério. E mantenhamos contato.

Em Cristo,

Paulo César Valle

Em resposta, ele disse:

Prezado Pastor,

Isto é lamentável, não achei que tinha tomado este rumo, uma vez que pensei ser o BETEL um seminário sério, inclusive encaminhei um texto para a Miss. Kézia parabenizando o trabalho, porém como pude ler na resposta de seu e-mail cheguei a conclusão de que é mas uma instituição que esta saindo ou saiu fora das escrituras, pensando somente na instituição de ensino, isso me deixa com o coração triste, pois pergunto: que rumo líderes de igrejas estarão tomando diante de erros que temos visto por ai? é por isso que devemos voltar as escrituras rapidamente, nós líderes temos que ter a responsabilidade de fazer como o Apostolo Paulo, quando transformou Tito em um cristão maduro e um líder responsável, mostrando como organizar e liderar as igrejas diante de sua partida, podemos notar como o livro de Tito foi um passo neste processo de discipulado, Não esquecendo também de como fez com Timóteo, ou seja, nós líderes precisamos treinar pessoas para o ministério ao invés de confiar em seminários que não ensina de fato as verdades Biblicas.

Fico Feliz somente porque o amado irmão não se preocupou em expor as escrituras sem medo do que poderia acontecer e isso é encorajador para muitos ministérios, devemos mesmo agir como o Apostolo Paulo e como o Pastor Paulo, não ter medo de pregar a palavra de Cristo.

Cabe a mim somente discipular jovens ao ministério e ser um expositor das escrituras, sei que terei sérios problemas, pois sou pastor de uma igreja (nome da igreja) que infelizmente não prega as verdades Bíblicas que só pensa nas entradas e no crescimento da congregação, porém não devemos ter medo se preciso for sermos retirados da membresia da igreja, para pregar as verdades Bíblicas.

Graça e Paz,

Pastor (nome)

PS: Segue abaixo email enviado por mim e a resposta da Miss. Kézia não entendi o gelo dela em poucas palavras, agora entendo sua resposta.

Caro Pastor,

Agradeço suas observações e boas palavras. Que Deus o guie no seu ministério.

Miss. Késia

Irmão Marcos, a amplificação do problema por parte do Betel trouxe, como o irmão pode ver, problemas para ambos os lados. Este é apenas um email de uma lista de emails. Acho que posso imaginar os problemas envolvendo o meu nome junto a pessoas que sequer estiveram lá. Estando à disposição para ser repreendido, caso eu esteja equivocado na leitura dos fatos, afirmo que houve ausência de discernimento no tratamento do assunto. Acredito no princípio bíblico de que na multidão de conselheiros há sabedoria. Foi o assunto devidamente considerado, antes da tomada da decisão? Tenho para mim que não. Talvez, a preocupação estivesse focada apenas em mostrar aos outros que “o Betel fez alguma coisa”.

Não quero lhe cansar mais do que já tenho feito, mas quero ainda demonstrar duas coisas relativas a sua correspondência. Primeiro, o mesmo texto que diz que “*há tempo de estar calado*”, também diz “*há tempo de falar*”. Quem regulará o uso do texto? A minha opinião ou a sua? Quem está com a razão? Tenho, para mim, que este texto não se aplica a nossa questão, ainda que pudesse tomar a parte que me interessa para corroborar o meu pensamento. Mas não o farei por uma questão de honestidade com o texto. Na verdade, estamos diante de um homem chamado Salomão, em estado de pessimismo. Creio não ser este o nosso caso. Este texto não pode regular o evangelho e seu ensino, pois a Escritura afirma que devemos pregar “a tempo e fora de tempo”.

Quanto ao texto de Gálatas 3.28-29, digo que a abordagem paulina considera uma perspectiva ontológica entre homem e mulher, e não econômica. Quero encorajá-lo a ler o discurso paraninfal em anexo (ou o texto, agora publicado, em livro recentemente lançado pela Editora Fiel^[2]). Ali trato razoavelmente destas distinções.

Desejo encerrar, tornando claro o meu desapontamento com a postura da instituição Betel Brasileiro, que continuo prezando e respeitando, por se tratar, creio, de um evento isolado. Faço votos de felicidade e bênçãos, desejando que muitas vidas sejam moldadas segundo o caráter de Cristo, nosso Senhor, e que, ao final, toda a glória seja dada ao Cordeiro de Deus.

Volta Redonda, 19 de novembro de 2010

Em Cristo,

Seu conservo,

Paulo César Campos Lopes do Valle

ANEXO I

MINISTÉRIO PASTORAL FEMININO: UMA PERSPECTIVA REFORMADA

Paulo César Campos Lopes do Valle*

A igreja ao longo dos séculos sempre esteve consciente de que as mulheres poderiam conhecer as Escrituras tão bem quanto os homens, algumas vezes até melhor do que eles, e que poderiam ser tão santas quanto eles, e algumas vezes bem mais do que eles. Mas a igreja sempre insistiu que a mulher, por mais erudita e santa, não deveria desempenhar uma função presbiteral na igreja, isto é, de acordo com o pressuposto da Teologia Bíblica, ela não poderia ser uma pastora. Este princípio foi posteriormente reafirmado pelos protestantes, especialmente na tradição reformada.

Contudo, em anos recentes, voltou-se a discutir o papel da mulher no âmbito da igreja e duas vertentes logo se estabeleceram como pressupostos do debate: a do condicionamento cultural, portanto variável e descritivo, e a teológica, portanto, supra-cultural e normativo.

Apesar de seu início tímido, o movimento engajado nessa discussão foi ganhando mais e mais força até que, a partir da década de 1970 e, especialmente na de 1990, as primeiras mulheres foram ordenadas ao ministério pastoral entre os metodistas, luteranos, anglicanos, presbiterianos unidos, presbiterianos independentes e batistas ligados à Convenção Batista Brasileira.

Aqueles que têm recorrido às mudanças nos padrões culturais como elemento regulador para que as mulheres ocupem a função de direção e pregação na igreja pressupõem que as mudanças sociais que elevaram as mulheres às posições jamais ocupadas seriam suficientes para legitimá-las em funções pastorais. Em 1987, o Conselho Mundial de Igrejas iniciou a *Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres*. Com isso, ficou evidente que o movimento ecumênico estava consciente da importância do papel das mulheres no seio das comunidades cristãs.

Para o decênio 1988-1998, foram previstos os seguintes objetivos de uma nova caminhada:

1. Capacitar as mulheres para que se opusessem às estruturas opressoras que existiam na comunidade mundial, em seus países e em suas igrejas;
2. Afirmar as contribuições decisivas das mulheres em suas igrejas e comunidades, compartilhando o trabalho de direção e a tomada de decisões, a reflexão teológica e a espiritualidade;
3. Tornar conhecidas as perspectivas e ações das mulheres em esforços e luta pela justiça, a paz e a integridade da criação;
4. Capacitar as igrejas para que se libertassem do racismo, do sexismo e do classismo e para que abandonassem as práticas discriminatórias para com as mulheres;
5. Estimular as igrejas para que empreendessem atividades de solidariedade com outras mulheres.

Aquilo que numa primeira leitura poderia parecer apenas mais um capítulo da luta feminista,

adquiriu outro caráter, quando se sabe que esses objetivos deveriam ser alcançados ao reunir os conhecimentos e as experiências de mulheres e homens de origens e atividades diversas. O apelo mais forte, todavia, seria para as pessoas ligadas à igreja, sobretudo às mulheres. Para o grupo, devia-se considerar que Deus fez homem e mulher em iguais condições e ambos foram convidados a zelar eficazmente pela obra da criação. Dessa forma, não se poderia conceber a submissão da mulher ao homem, o que poderia ser explicado apenas por causa da influência grega a respeito do dualismo entre corpo e espírito, que tanto influenciou a cristandade primitiva. Tal concepção privilegiava a alma, em detrimento do corpo e das atividades a ele relacionadas; assim, a mulher, que pertencia ao mundo físico, era inferior ao homem, que se ligava ao plano espiritual.

Mesmo hoje, com o passar dos anos, a fundamentação teórica para o ministério pastoral feminino continua sendo de caráter cultural, uma vez que as alegações são: “hoje, a mulher sai para trabalhar”; “hoje, a mulher obteve seu espaço”; “hoje, a mulher sustenta famílias inteiras”; “hoje, a mulher é CEO em multinacionais”.

Não podemos nos esquecer, entretanto, que o princípio regulador da igreja não é a cultura, mas as Escrituras. Devemos apelar para elas. Em 1 Timóteo 2.11-14, o apóstolo Paulo afirmou aquilo que vem sendo considerado um texto-chave para a compreensão do debate, tanto para os favoráveis quanto aos que se opõem ao ministério feminino:

A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio. Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.

Pelo contexto imediato da passagem, os falsos mestres semeavam dissensão e estavam preocupados com trivialidades (1 Tm 1.4-6), enfatizando um certo ceticismo como um meio de adquirir espiritualidade (1Tm 4.1-3). Consciente disso, Paulo aconselhou às jovens viúvas a que se “casem, criem filhos, sejam boas donas de casa” (1 Tm 5.14), funções estas que os falsos mestres tentavam dissuadi-las de praticar.^[3]

Quando Paulo diz que “a mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão”, devemos considerar que o contexto era de ensino com a força e autoridade que vem da função presbiteral. O vocábulo grego para “silêncio” é o termo ἡσυχία, o mesmo que foi traduzido por “tranquila” no versículo 2 deste mesmo capítulo. Assim, a preocupação de Paulo não era que elas devessem aprender, mas a maneira como deveriam aprender: “*em silêncio*” e “*com toda a submissão*”.

Entretanto, quando o apóstolo diz: “e não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio”, o contexto da proibição é aquele que se refere ao ensino público relacionado ao governo da igreja. De fato, “não permito” significa “é proibido”, e não “não é aconselhável”. Mas alguém poderia indagar: quem Paulo pensava que era para permitir ou não permitir alguma coisa na igreja de Deus? Entretanto, não podemos esquecer que o que Paulo disse à igreja, disse-o na presença de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo, e usando um argumento doutrinal, como veremos a seguir. É notável que as duas coisas que fazem diferença entre um presbítero e um diácono é o papel de *presidir* e *ensinar*. Exatamente o que foi proibido à mulher em 1 Timóteo 2.12.

Havia espaço para o ensino feminino no cristianismo primitivo, e as Escrituras o demonstram:

- (1) mulheres mais velhas ensinando mulheres recém-casadas (Tt 2.3-4);
- (2) mulheres ensinando crianças (2Tm 3.14);
- (3) mulher, junto ao seu marido, numa situação informal, ensinando a um outro homem (At 18.26);
- (4) profetizando, como as filhas de Felipe (At 21.9; 1Co 11.5), mas não no ofício presbiteral.

Notem, portanto, que as Escrituras não vetam a mulher de ocupar alguma função de ensino, desde que ocorra dentro desses enquadres.

Seguindo com os argumentos, nos versículos 13 e 14, Paulo disse: “Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”. Eis o fundamento teológico de Paulo: assim como o homem veio primeiro na ordem da criação, então deveria dar-se ao homem uma responsabilidade primária no seu relacionamento com a mulher. O seu argumento não veio do aspecto cultural – não dizia respeito apenas àquele contexto –, nem do pecado – que sofreria mudanças decorrentes da obra da redenção. Veio da ordem da criação em Gênesis:

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? (...) Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu (Gn 3.1, 6).

No Éden, Satanás procurou inverter os papéis estabelecidos pelo Criador junto ao primeiro casal. Ele estava empurrando-a para o lugar de porta-voz do casal. Com isso, Paulo estava dizendo que se as mulheres em Éfeso (cidade onde Timóteo exercia seu ministério) proclamassem sua independência dos homens tanto na família quanto na igreja, recusando-se a aprender “em silêncio, com toda a submissão”, buscando papéis dados aos homens, cairiam no mesmo erro que Eva cometera e trariam desastre semelhante sobre si mesmas e sobre a igreja.

Outro texto que é relevante nesta discussão sobre o ministério feminino é 1 Timóteo 3.4-5: “E que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)”. Se o que Paulo escreveu a Timóteo era normativo no caso daquele que aspirasse ao episcopado, como relacionar essa norma com uma mulher no ministério já que ela não poderia satisfazer o requisito de governar a sua casa? Se é, portanto, um teste para demonstrar a capacidade de liderar, como saber se uma mulher seria capaz de liderar a igreja de Deus se o texto não poderia ser aplicado a ela, uma vez que ela não é o cabeça do lar? Será que os valores familiares também deveriam ser alterados, isto é, o princípio da submissão requerida por Deus era também transitório, para aquela cultura? Certamente que não.

O problema não era, como querem alguns, cultural, mas a questão é teológica, portanto permanente, e não transitório. O apóstolo apelou para um princípio estabelecido na criação e violado na queda: o princípio da liderança masculina. Ele não estava dizendo que a mulher jamais pudesse ensinar qualquer coisa ou exercer qualquer tipo de autoridade. Antes, o apóstolo está argumentando que assumir o ofício presbiteral implicaria que a mulher poderia ensinar aos homens com a autoridade que o ofício empresta, e participar do governo da igreja, exercendo autoridade sobre os homens crentes, o que contraria o princípio aqui afirmado.

Algumas mulheres supõem que a manutenção do ministério pastoral masculino pretende demonstrar a superioridade masculina estabelecida pelos traços culturais. Mas isso nada tem a ver com superioridade existencial do homem. Por isso, a doutrina trinitariana pode nos oferecer grande contribuição para esta abordagem, pois podemos considerá-la sob duas óticas possíveis e perfeitamente aplicáveis à relação homem-mulher: a da ontologia divina e a da economia divina.

O termo *Trindade ontológica* refere-se ao ser de Deus na sua essência. Ela ensina que, nos termos de essência, natureza e ser, Deus, o Pai, não é superior a Deus, o Filho, que não é superior a Deus, o Espírito. São iguais em essência, natureza e ser. Ontologicamente, não há hierarquia entre as pessoas da Trindade (cf. Ef 1.6, 12, 14).

Por outro lado, há o conceito da *Trindade econômica*, que se refere aos ofícios de cada uma das pessoas da Trindade, por exemplo, na obra da salvação: Deus, o Pai, elegendo (Ef 1.3-6a); Deus, o Filho, redimindo os eleitos (Ef 1.3b-12); Deus, o Espírito, selando os eleitos redimidos (Ef 1.13-14). Assim, embora existencialmente o Filho não seja inferior ao Pai, ainda assim, voluntariamente, ele se submete ao Pai (Jo 6.38; 14.28, 31); da mesma maneira, embora o Espírito não seja inferior ao Filho, voluntariamente ele se submete ao Filho (Jo 14.26; 15.26; 16.14), para o cumprimento dos propósitos da Trindade.

Para o contexto do relacionamento entre um homem e uma mulher, estes conceitos são extremamente importantes, pois, à semelhança da Trindade, nesse relacionamento encontramos também questões ontológicas e econômicas. Paulo ressaltou os aspectos ontológicos e econômicos entre homem e mulher, afirmando: “Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). E, ainda: “Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo o homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo” (1Co 11.3). Assim, pode-se afirmar que, ontologicamente, como Deus, o Pai, não é superior a Deus, o Filho, o homem não é, ontologicamente, superior à mulher; entretanto, como Deus, o Filho, submeteu-se voluntariamente a Deus, o Pai, “*assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido*” (Ef 5.24).

A Deus toda glória!

[1] DEVER, Mark & ALEXANDER, Paul. *Deliberadamente Igreja*. São José dos Campos: Fiel, 2008. p. 112.

[2] O texto integralmente lido na cerimônia de colação que temos considerado foi publicado em: VALLE, Paulo César C. L. *Uma Perspectiva Teológica do Ministério Pastoral*, pp. 411-415, in: FERREIRA, Franklin (Ed.). *A Glória da Graça de Deus: Ensaios em Honra a J. Richard Denham Jr.* São José dos Campos: Fiel, 2010.

* Graduado em Teologia com especialização em Teologia Exegética pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil; graduado em Linguística pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase; pós-graduando em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase e em Filosofia e Sociologia pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras; pastor da Igreja Batista de Fé Reformada.

[3] Os versículos de 8 a 11 sugerem que os falsos mestres estavam incentivando as mulheres a se destacarem do que poderíamos chamar de tradicionais papéis femininos, em favor de uma abordagem mais igualitária – vestido ostensivo e cabeleira frisada, no mundo antigo, às vezes podia indicar uma mulher de moral fraca e independente do marido.